

## **Museu e Educação: Reflexões acerca da experiência no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville**

**Elizabete Tamanini**<sup>1</sup>

Instituto Superior Luterano e Centro Educacional Bom Jesús (Santa Catarina , Brasil)

---

**Resumo:** O Turismo historicamente sempre foi um fenômeno social relacionado à cultura, pelo fato de que muitas vezes contribuiu a sua reconstrução. Seus impactos foram positivos e ou negativos e por esta razão seu desenvolvimento em diferentes países foi controvertido onde sua presença foi maior. A função protetora e de socializar a cultura foram importantes no desenvolvimento turístico por séculos e nivelam no presente com maior razão. A única maneira de gerar políticas no turismo cultural está gerando as primeiras investigações de base para descobrir os impactos positivos e para tomar decisões consequentes.

**Palavras chaves:** Tourism cultural; Impactos do tourism; Políticas no tourism cultural; Reconstruction da cultura

---

**Abstract:** The tourism has historically always been a social phenomenon related with the culture, and also frequently has contributed to its restructuring. Their impacts have been positive and negative and for that reason their development has been so polemic in the different countries where has had more relevance. The socializing and protection functions of the culture have been important in the tourist development for centuries and even presently with more reason. The only way to develop politics about the cultural tourism is carrying out first the necessary research in order to know the impacts well and to decide in consequence.

**Keywords:** Cultural tourism; Tourism impacts; Cultural tourism politics; Culture change

---

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Cultura e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas/São Paulo. Diretora da Faculdade de Turismo com ênfase em meio Ambiente. E-mail: [tamanini@ielusc.br](mailto:tamanini@ielusc.br)

## Introducción

A criação de um Museu normalmente possui vinculações diversas; da necessidade de guardar a memória de uma pessoa especialmente, até as dimensões de apropriação e uso coletivo de um determinado patrimônio.

Se remontarmos um cenário histórico sobre a significação do conceito e utilidade social do Museu, teríamos centenas de representações a respeito deste objeto. Os temas principais entre amigos e inimigos dos Museus surgiram desde a Revolução Francesa, quando “reliquias” “aristocráticas” e “religiosas” foram primeiro salvas do vandalismo político e depois exibidas ao público.

Praticamente todo o trabalho inovador que provocou profundas modificações na Museologia concretizou-se a partir de 1959, na França, notadamente, através da participação dos profissionais Georges Henri-Revière, Georges Bazin, Marcel Evrad e Hugues de Varine Bohan. Esses especialistas começaram a questionar os museus tradicionais, cujo modelo, o método de analisar o fenômeno e o patrimônio cultural, foi imposto pelos museus europeus aos museus não europeus. Estas modificações vieram como resposta á crise advinda do impacto da industrialização e da grande tendência de especialização do conhecimento. Desse modo, eram realizados novos debates e algumas experiências inovadoras a cerca do papel social dos museus na sociedade contemporânea.

É atualmente reconhecido que a função do Museu não pode limitar-se ao ato de recolher, restaurar e expor objetos que compreendem o seu acervo. Cada vez mais a pesquisa, a divulgação, a socialização do conhecimento, a publicização e a participação da sociedade tornaram-se elementos determinantes das funções sociais dos museus. Na nova sociedade da informação, o recurso-chave, passou a ser formação, o conhecimento, a criatividade e a interface com a comunidade.

A função do museu, enquanto espaço educativo responsável pela mudança de mentalidade, difundiu-se com maior intensidade a partir da década de setenta. Nos séculos XIX e XX, tínhamos o conceito

de Educação enraizada na sociedade de classe privilegiada, em que o ponto-chave do processo era a aquisição de informação factual. O traço mais original deste século, na Educação, é o deslocamento da formação puramente individual do homem para o social, o político, o ideológico, assim o significado maior está na inclusão das diferenças como pressuposto de equidade.

Embora haja muitos desníveis entre as regiões e países, existem tendências universais, entre elas, a de considerar como conquista deste século a idéia de que não existe idade para a Educação, de que ela se estende pela vida e que não é neutra, tampouco exclusiva.

Assim, independente da sua filosofia, área de atuação, todo museu, estando aberto ao público transmite uma mensagem, educa através da cultura material, a qualquer pessoa que nele entrar, seja qual for a sua classe social, sexo, idade, raça ou escolaridade. Assim, mesmo assumindo uma postura tradicional de lidar com o patrimônio, cujo enfoque centra-se na cultura material e não no significado desta materialidade e imaterialidade para as relações sociais e humanas em diferentes momentos históricos, os Museus são instrumentos comunicacionais e educativos.

Os Museus americanos foram pioneiros em experiências pedagógicas, e foi aí que a função educativa se afirmou como uma das principais funções a serem desempenhadas pelos museus. Estes museus, dispendo dos mais variados recursos técnicos e de pessoal qualificado, foram os primeiros a desenvolver experiências interativas para o público infante-juvenil. Em geral, têm como princípio pedagógico, a noção de que a relação da percepção da criança e ou público está baseada na expectativa da experiência pessoal interativa com o objeto ou a natureza. Desse modo, a grande identidade entre os museus de todos os tipos, tanto nos países hegemônicos, como nos países periféricos, é a ação educativa. A partir das inquietudes que brotaram principalmente na década de setenta (Séc XX), os Museus passaram a nortear suas atividades mediante os novos paradigmas da museologia no mundo, mais especificamente os Museus de países em

desenvolvimento. Nosso despertar para o Museu como um local destinado à produção de novos conhecimentos, um lugar que preserva e recria a memória, um espaço vivo e presente na vida das pessoas, presente nas dimensões das realidades sociais, um lugar provocador e, ao mesmo instante, fascinante, um lugar que não esteja desvinculado da realidade tecnológica, que responda cientificamente pelo objeto, que dialogue com todos, e seja utilizado por diferentes setores da sociedade. Este Museu ainda é tido como “experiência piloto”, e como algumas exceções permanecem integrados ao cotidiano de cidades, lugarejos, vilas e universidades.

Como foi dito anteriormente, a década de setenta foi para o mundo museológico um período de reflexão e experimentação de propostas alternativas. Começaram a surgir os Museus locais e regionais. No campo político, esta descentralização responderia a mudanças com relação à destinação de recursos, elegendo como prioridades, necessidades regionais. Nas dimensões das políticas culturais, mais especificamente o tratamento com o patrimônio Museu, este enfoque norteou as ações na perspectiva das diversidades históricas e culturais regionais. O impulso participativo em defesa da pluralidade da cultura, trouxe em seu bojo a idéia da criação de novos museus, e, também intrínseco a este fenômeno, a elaboração de políticas preservacionistas, dando ênfase à recuperação e tratamento de bens culturais.

No Brasil esta relação de Escola, Educação e Museu é bastante confusa e delicada. Conceitos e práticas da Educação vão impregnar as atividades dos Museus. Nas últimas décadas, os museus abriram suas portas para atender os escolares, confundindo suas ações específicas às experiências educativas oferecidas pelo ensino formal. A educação dentro de um museu é mais do que a quantidade de ônibus escolares que param na porta, ou do inúmero de estudantes que passam por esta Instituição e por vezes atendidos na velha atividade de “monitoria”: antes de tudo é um processo de formação integral para e com o patrimônio social/cultural, que exige da Instituição definições de “usos” e

“interfaces” com diferentes públicos, é um estado de espírito, um processo a ser pensado constantemente onde conflitos e mediações faz parte de uma conscientização profunda.

A agravante nesse sentido é que as experiências realizadas sofrem pela descontinuidade e, em geral, não têm sido publicadas, por isso também a dificuldade de analisá-las. Questiona um dos grandes pensadores da Museologia contemporânea: “o importante é mesmo, receber uma quantidade de público, e disso se vangloriar? Ou constatar se o visitante tirou proveito de sua visita, verificou enriqueceu seus conhecimentos e fez intercâmbio, aguçou sua curiosidade e seu espírito critica cultivou sua sensibilidade, sentiu prazer estimulou sua criatividade, melhorou seu modo de vida privada e pública”, construiu uma experiência estética com a vida.

Estudos recentes mostram poucas modificações neste quadro. Os museus continuam sobrevivendo em consequência do número de alunos que vem à procura de complemento para as suas atividades escolares. Confundindo processo de formação com visitação. Mas, por outro lado, grande parte dos museus também não estão instrumentalizados com recursos humanos para contribuir com novas propostas educativas formais e não formais. Definir metodologias específicas para o atendimento de diferentes públicos, pensar permanentemente no queremos contribuir seria uma das competências formais a qual os museus deveriam ter em mente. Desejamos expor os “objetos” ou desejamos criar interlocuções entre estes artefatos e as culturas? Desejamos contribuir para a motivação de novos públicos cujo enfoque é o debate e o compromisso com a cidadania?

Nesse quadro de modificações pontuais, é importante destacar as experiências realizadas pelo Museu Antropológico do México. Seu objetivo tem sido abordar e explicar a História e os costumes do país, destacando a identidade nacional. Da mesma forma apresenta-se o Museu do Banco Central em Quito e o Museu de Antropologia, em Lima Peru. Destacamos também, o trabalho realizado pelo Museu do Índio (Rio de Janeiro), Museu de Marajó, Museu Lasar Segal, Museu de Arqueologia

e Etnologia da USP, Museu Antropológico Oswaldo Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, que, com imensas dificuldades, realizam um trabalho no sentido de, através de seus acervos, de suas exposições e atividades educativas, despertar no público a importância da preservação do patrimônio e da diversidade étnica no Brasil. Ao lado das constantes atividades educativas, estes museus estão caminhando para uma integração maior com a sociedade.

O que permeia a nossa reflexão é a discussão do sentido mais amplo da contribuição dos museus à Educação. Que essencialmente está intimamente relacionado com o problema da preservação do patrimônio e da publicização das nossas heranças culturais.

#### **Caso a caso: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville**

Seguindo as discussões acima apontadas, em que sugerem uma maior reflexão e publicização sobre o conceito de educação em Museu apresentamos em linhas gerais a experiência do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Criado em 1969 com a intenção de salvaguardar o patrimônio Arqueológico da região de Joinville, esta Instituição ao longo de aproximadamente três décadas, têm experimentado diversas maneiras de atuar como instituição científica pautada nos princípios da Museologia contemporânea.

Além de acompanhar as tendências das políticas culturais da época (década de 70), o Projeto de criação do MASJ na sua concepção arquitetônica foi elaborado para ser um museu de pequeno porte com base nas experiências de pequenos museus americanos. Daí tal prédio e instalação possuir um significado maior para o estudo do movimento da museologia brasileira. Traço comum era adotar espaços e prédios “antigos” para a criação de museus. Neste caso, o Projeto foi criado para ser museu. As ações deste Museu foram sistematizadas de modo a atender um público em formação, ou seja, alunos de 1º, 2º e 3º graus. Vejamos o que diz este texto: “O MASJ desde sua fundação tem desenvolvido programas didáticos que

abrangem estudantes de 1º e 2º graus, universitários e estudantes de cursos profissionalizantes. O auditório, equipado com moderna aparelhagem didática, tem servido para ministrar aulas sobre Arqueologia e Pré-História Brasileira, bem como para programações cinematográficas culturais realizadas principalmente com o intuito de atingir positivamente as crianças, despertando nelas o gosto pelos Museus, que, segundo a filosofia de trabalho adotado pelos funcionários da entidade, são” Escola Viva “, exercendo papel preponderante na educação de um povo”

Com as visitas dos escolares de maneira significativa e o aproveitamento deste espaço para outras atividades, o MASJ foi se caracterizando como um “Museu Didático”. A legitimidade da Instituição frente à comunidade foi assegurada a partir da participação dos estudantes no processo de apresentação do Museu frente à problemática do momento. Neste período (década de 70) as escolas da região apresentavam problemas de conteúdo em relação ao ensino da ocupação pré-colonial e Ciências Humanas. Neste sentido o Museu aos poucos se tornou em um elemento “reparador” para o ensino da ocupação Pré-colonial aos professores. Fator este que estava intimamente relacionado com o problema de formação profissional dos docentes nesta área e as fontes didáticas disponíveis ou melhor dos livros didáticos.

Este por sua vez, comprovadamente uma das fontes mais utilizadas no Brasil como em outros países da América Latina, transmitem informações fragmentadas sobre a realidade da ocupação pré-colonial e sobre as “minorias étnicas”. Tais livros contribuem para veicularem representações ideológicas que acabam por reforçar o preconceito e a desinformação. A ausência desse tipo de abordagem é bastante agravante a tal ponto de ao receber alunos de 5ª a 8ª séries no Museu Arqueológico de Sambaqui, considerando que a história de ocupação na região de Joinville está datada a partir de 1850 (final do século XIX), ou seja, o referencial conceitual se pauta na colonização européia com a vinda dos primeiros imigrantes para a região.

Outro elemento preponderante neste cenário era a falta de recursos materiais e

técnicos das escolas, especialmente o setor público. A visita ao Museu além de suprir as deficiências curriculares, possibilitava aos alunos e professores a experiência de ver o mundo por outra via, “através da imagem cinematográfica”. Por vários anos, mesmo após a sistematização das atividades e a mudança de metodologia, ocorria que alguns professores entravam em contato com o Museu para verificar a possibilidade de trazer os alunos para visita e para ver “filminho”.

Embora este trabalho tenha possibilitado a elaboração de novas experiências como, o “Projeto Museu Vai à Escola”, que levava aspectos da Pré-História regional através do apoio didático de kits e audiovisual, não foi possível construir um conhecimento mais elaborado a respeito do uso do Museu. O fato de o Museu ir à Escola, de início solucionava três grandes dificuldades: 1º aspecto, dificuldade de deslocamento dos alunos, em função da realidade sócio-econômica dos mesmos e das escolas; 2º aspecto, os alunos estando na escola não prejudicava o andamento das atividades e; 3º aspecto, era o fato de todos os professores aproveitarem a “palestra”, sem necessariamente comprometê-los a redefinirem novos cronogramas, programas de aula e ainda deslocarem seus conteúdos para outro tipo de trabalho - “aulas tematizadas, ou uma proposta interdisciplinar”. Após o fechamento deste Projeto (1985), não faltou por parte das Escolas à iniciativa de argumentarem sobre a “facilidade da experiência”.

Em virtude das avaliações realizadas mediante o número de alunos atendidos no Museu e nas Escolas, optou-se no redimensionamento deste trabalho. Como as Escolas já haviam incorporado a idéia do Museu, como um local destinado ao conhecimento da ocupação pré-colonial a solicitação de visitas não acontecia sistematicamente, partiu-se para a definição de objetivos mais concretos em relação aos trabalhos.

### **A Incorporação da Educação Patrimonial nos Projetos Educativos**

A idéia de desenvolvimento de Projetos Educativos calcados numa metodologia

especialmente elaborada para o tratamento com o patrimônio foi neste momento determinante para o MASJ (1987). A partir do contato com os fundamentos teóricos da metodologia da Educação Patrimonial assegurou-se com mais intensidade a importância do processo de comunicação no Museu. A linguagem utilizada em relação aos Projetos Educativos, estava vinculada a indagações da relação objeto e público. Com esta tentativa de implementação dos projetos, no sentido de sistematizá-los por temas geradores e relações cognitivas e por outro lado delimitar o campo de atuação do MASJ, referente a sua postura diante das necessidades emergenciais do Ensino Formal e, da mesma maneira não permitindo a transformação do trabalho educativo num especializado complemento escolar, criou-se um Setor de Educação no MASJ.

Pode-se, contudo, afirmar a abrangência desta iniciativa para todas as áreas do Museu. A criação do Programa Educativo, a partir de projetos específicos, passou a diagnosticar elementos não visíveis aos procedimentos cotidianos do Museu, ou seja, à leitura que cada pessoa, ou diferentes públicos faziam das exposições, das ações e da comunicação apresentada como um todo pela Instituição. Assim, o cenário passa a se apresentar de outro modo: temos agora pessoas que desejam somente conhecer o Museu. Outras querem aprender sobre as outras culturas das quais o Museu estuda, e ainda, pessoas que desejam construir novas informações a respeito do que o Museu vem trabalhando, desse modo, as perguntas advindas dos projetos e ações passam a ser outras.

Reavaliando os aspectos da importância destas mudanças substanciais, levanta-se os seguintes pressupostos: qual a função social deste Museu na região? Será que o MASJ é visto pelo Ensino Formal como um órgão que completa as deficiências dos currículos ou é respeitado como uma instituição científica que contribui para a construção de novos conhecimentos? E ainda, como a comunidade vê este Museu?

Pode-se avaliar que à medida que este museu sistematizou programas e metodologias, criou-se mais densidade em relação às avaliações e aos processos de intervenção acerca do envolvimento da

sociedade com o patrimônio arqueológico. Todavia, a partir da criação de projetos e ações específicas para cada realidade, o MASJ, está tendo que se defrontar com dramas e contradições que correspondem a secular existência da instituição museu e do mesmo modo, com a disponibilização das injustas políticas públicas para o patrimônio e a Arqueologia desencadeando a falta de continuidade dos Projetos. Por outro lado, ao nosso ver tanto as heranças, quanto os poucos recursos destinados ao gerenciamento público desta instituição, não podem tampouco imobilizar a sua especial trajetória de um museu de Arqueologia local e público.

O Museu deve sobremaneira estar relacionado com processos históricos dinâmicos, apontando sempre, rupturas quanto ao conceito e sua inserção no mundo. Contudo, questionamos: será que os museus, especialmente os brasileiros, caminham, para uma efetiva aproximação com a sociedade, inter-relacionando a produção, divulgação e socialização das experiências humanas? No caso do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, pensamos que há pequenos movimentos nesta direção, porém vive a Instituição um momento cuja idéia de publicização sofre um descompasso entre um fazer desejado e como fazer diante de?

## Bibliografia

- Antunes, F. C.  
1997/1999 O Livro didático e a questão da ocupação pré-colonial no litoral norte catarinense. Joinville: UNIVILLE-MASJ.
- Arend, H.  
1972 *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectivas.
- Bruno, M. C.  
1996 *O Museologia e Museos*. Lisboa: Universidade Lusófula de Humanidades e Tecnologia,.
- Freide, P.  
1983 *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,.
- Funari, P. P. A.  
1998 *Cultura material e Arqueologia histórica*. Coleções idéias. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- Horta, M. de L. P.  
1993 Educação Patrimonial. Apostila do Curso de Especialização em Ação educativa e Cultural dos museus. Rio de Janeiro. (mimeografado).
- Segal, M.  
1997 "Museu para o quê?" In: *Teoria e Debate*.
- Tamanini, E.  
1994 *Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: Um Olhar Necessário*. Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP: Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Educação.
- Varine-Bohan, H.  
1979 *Los Museos en El Mundo*. Barcelona: Salvat.